

A POÉTICA E O PESQUISADOR:

Reflexões sobre as reverberações subjetivas na pesquisa acadêmica em Artes

Prof. Dra. Helena Escobar da Silva Freddi¹

Resumo: A arte na contemporaneidade, muitas vezes, pressupõe que os artistas sejam, também, teóricos de sua produção poética. A pesquisa acadêmica em arte e sobre a arte traz em si o paradoxo da subjetividade como fio condutor do pensamento estruturado pela objetividade, questão que suscita a elaboração de procedimentos metodológicos, que abarquem tanto a subjetividade quanto a objetividade do artista pesquisador. Este fato evidencia a necessidade de uma abordagem do objeto artístico que enfrente a complexidade de sua existência com instrumentos e procedimentos teóricos, cujo alcance de seus esclarecimentos estejam em consonância com as obras realizadas e analisadas.

Palavras chaves: Arte – poética – metodologia – subjetividade – objetividade.

¹ Nascida em São Paulo capital, graduada em Educação Artística - Licenciatura Plena pela FAAP SP; pós-graduada em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNESP-SP em 1995 e doutorada em Poéticas Visuais pela Escola de Comunicação e Artes – (ECA – USP) em 2003. Nos anos de 1995 / 96, residiu em Milão onde desenvolveu trabalhos gráfico-poéticos no Atelier Quattordici, realizando desde então projetos de intercâmbio, curadorias e exposições no Brasil e exterior. Desde 1999 desenvolve atividades acadêmicas ligadas à pesquisa e estudo das técnicas e poéticas gráficas no ensino superior. Coordenou o Curso de Bacharelado em Artes Visuais do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo de 2004 a 2010. Atualmente leciona na Graduação e nos cursos de Pós-Graduação em **Direção de Arte em Comunicação** e **História da Arte** desta Instituição.

Introdução

A pesquisa em arte e sobre a arte traz em si o paradoxo da subjetividade como fio condutor de um pensamento estruturado pela objetividade. É certo que o tema da subjetividade como elemento constitutivo da pesquisa dentro das ciências humanas está presente e ocupa um lugar de destaque nas reflexões sobre o sujeito pesquisador, o objeto pesquisado e o método como instrumento mediador entre os participantes de um trabalho científico. Isto porque, tradicionalmente, a proposta para uma pesquisa que pretenda ser científica é a construção neutra, imparcial de um conhecimento, na qual a subjetividade provocaria o distanciamento, ou até mesmo a aniquilação da verdade. Para isso, a metodologia apropriou-se de atributos reguladores através dos quais, tudo o que envolve a pesquisa acaba por depurar-se em benefício de uma identidade de pensamento: "Enquanto gênero, [...], o texto científico é monológico por excelência. O discurso está orientado para o objeto e a palavra serve apenas para representar." (AMORIM: 2004, p.147) No entanto, Hans-George Gadamer adverte que "o método é incapaz de revelar uma nova verdade: apenas explicita o tipo de verdade já implícita no método" (sd., p. 170).

Neste presente artigo propomos refletir sobre a pesquisa em artes realizada, na universidade, pelo próprio artista. Baseamos este estudo no acompanhamento de discentes de bacharelado em Artes Visuais inscritos no programa de Iniciação Científica². A proposta de pesquisa foi a de verificar, na produção e atuação de alguns artistas, indícios residuais do contato entre artista-educador e artista-estudante. Como estrutura metodológica foi estabelecido que as pesquisadoras deveriam abarcar, também, o trabalho artístico desenvolvido por cada uma delas e que, o próprio trabalho seria mediador na condução da pesquisa. Mediador, mas não unificador, pois a própria práxis artística proposta como estrutura metodológica estabelece um contorno que é, ao mesmo tempo, objetivo e subjetivo, ou seja:

O compreender como tarefa de verificação possível diante do complexo humanístico-histórico, "não é uma espécie de conhecimento científico que foge da existência para um mundo de conceitos", mas sim um "encontro histórico que apela para a

² O projeto de pesquisa de iniciação científica intitulado *Reverberações gráficas: reflexões sobre a influência de Evandro Carlos Jardim na gravura paulistana contemporânea (1980-2010)* resultou em três artigos produzidos pelas estudantes-artistas-pesquisadoras em setembro de 2011.

experiência pessoal de quem está no mundo" Desta forma, o "interpretar" se estabelece como um conhecimento entre o objeto artístico e o próprio mundo que o concebe e acolhe. (FREDDI, 1996, p.19).

Se na pesquisa em ciências humanas a questão da subjetividade é ponto de atenção, pois envolve a legitimação do conhecimento dentro de um gênero; no campo das artes, a pesquisa acadêmica, na qual o pesquisador é o próprio artista, a questão é decisiva. Este fato evidencia a necessidade de uma abordagem do objeto ou situação artística que, não só enfrente a complexidade de sua existência com instrumentos e procedimentos teóricos, cujo alcance de seus esclarecimentos esteja em consonância com as obras analisadas, como também abarque a voz do pesquisador-artista como existência polifônica, como esclarece AMORIM:

[...] conhecimento é uma questão de voz. O objeto que está sendo tratado num texto de pesquisa é ao mesmo tempo objeto já falado, objeto a ser falado e objeto falante. Verdadeira polifonia que o pesquisador deve poder transmitir ao mesmo tempo que dela participa. (AMORIM, 2004:p. 19).

Pesquisa e poética

Ao entendermos que a subjetividade da obra de arte dá-se a conhecer na concretização da própria obra, poderemos vislumbrar um horizonte que direcione a pesquisa em artes visuais. A abordagem poética, entendida aqui como todo o processo – mental e material – de construção artística, já é em si mesma pesquisa.

Desde as vanguardas, a arte não permite ser regulada por normas restritas: o campo das artes tornou-se suficientemente aberto e transitivo para comportar um exercício criativo bastante diferente daquele circunscrito pela tradição das *belas artes*. Desta maneira, a arte contemporânea passou a privilegiar e estimular uma construção teorizada da arte como:

Uma forma de investigação intelectual e sensorial que estabelece códigos para um modo específico de linguagem. O olhar contemporâneo não se esgota nos valores outrora consagrados como o virtuosismo técnico, a auto-expressão, a beleza, a originalidade ou o prazer. Nessa busca constante pela ampliação de seu campo de sentidos, o artista exercita um aprofundamento teórico singular na percepção e registro do mundo à sua volta. (ORTHOFF, 2002, p. 79).

É certo que a reflexão feita por artistas, nas mais variadas formas de registro textual, possui uma maior existência temporal. Segundo CAUQUELIN: “Desde os ‘cadernos’ de Da Vinci, da correspondência de Poussin, do diário de Delacroix, os textos de artistas vêm se tornando numerosos, adquirindo direito de cidadania no domínio da estética [...]”(2005; p. 154). Evidentemente, não é só o campo da estética que se beneficia de elementos documentais, em especial os textos, que compõem o processo artístico. O fenômeno de mediação destes registros “assegura: a intermediação entre o verbal e o não verbal, de maneira a juntar os dois.” (CAUQUELIN; 2005; p. 155) ajudando a esclarecer a arte na contemporaneidade a qual “defronta-se com a necessidade de tornar visível não o mundo invisível, mas sua própria obra”. (CAUQUELIN; 2005; p. 156)

Embora o texto do artista, como elemento esclarecedor de sua obra, seja aceito como documento para a pesquisa nas áreas de história, filosofia e estética, estética comparada, entre outras, na pesquisa científica, realizada pelo artista no ensino superior de Artes Visuais, este mesmo texto é recebido com desconfiança, pois seria desprovido da neutralidade e objetividade esperada para um trabalho acadêmico. Mas em artes, a questão da expressividade da linguagem visual está vinculada ao sistema de criação pertencente àquele artista, cuja subjetividade e objetividade de seu fazer não podem ser ignoradas. Assim, lidar com o pesquisador-artista e sua obra-proposição é, também, enfrentar as questões próprias da expressão de uma linguagem que:

[...] não se evidencia apenas na objetividade de uma proposta ou nas suas intenções conscientemente formuladas. A linguagem identifica-se com a subjetividade individual e acaba se revelando como uma “verdade” ou essência que se manifesta na obra, evidenciada pela maneira de fazer própria àquele artista, extrapolando, na maioria das vezes, suas próprias intenções. (REY, 2002, p.130).

Se entendermos que é nos dados expressivos da obra, que ultrapassam as proposições dos artistas, que poderemos encontrar os elementos que possam conduzir uma pesquisa; como pesquisadores-artistas, percebemos que a dificuldade em determinar categoricamente uma metodologia de abordagem e encaminhamento para a pesquisa em artes deriva do fato da arte revelar-se em múltiplas leituras e interpretações que, muitas vezes, acabam por receber apenas uma tradução verbal,

na maioria das vezes, empobrecida. Este fato nos incita ao desafio de pensar a pesquisa como um campo receptivo a questões a serem verificadas e não uma verdade a ser imposta ao objeto a ser investigado. A proposta de Hélio Ferverza, de um método que seja estruturado como caminho, nos parece esclarecedor:

Como artista visual e pesquisador em artes, minhas perguntas iniciais são: qual *caminho* escolher para abordar este assunto? Qual *via* seguir para chegar à exposição dos vários problemas com os quais sou confrontado diariamente e os métodos aí utilizados? Logo em seguida percebo que um dos significados de *método*, talvez o mais importante, é o de *caminho*: “caminho pelo qual se atinge um objetivo”, nos diz o dicionário. [...] O caminho está indissolúvelmente ligado ao caminhante e a seu andar. Resumindo: os caminhos em questão se fazem à medida que caminhamos. Daí a dificuldade de traçá-los inteiramente *a priori*, sem que esse trajeto inicial não seja revisto, alterado, modificado a todo instante. Daí talvez sua impossibilidade mesmo. (FERVENZA, 2002, p.67).

Ressaltamos, entretanto, que estamos nos referindo a dois possíveis tipos de encaminhamento de pesquisa nas Artes Visuais. Uma está voltada ao projeto de realização artística e é esta que FERVENZA aponta como caminho. Outra é uma pesquisa que revele a obra já realizada por quem efetivamente a construiu, quer seja como autor do projeto, o proponente que consegue com que a obra seja concretizada, quer seja o próprio autor-construtor. Neste caso é importante entender que:

Toda pesquisa só tem começo depois do fim. [...] é impossível saber quando e onde começa um processo de reflexão. Porém, uma vez terminado, é possível ressignificar o que veio antes e tentar ver indícios no que ainda não era e passou a ser. (AMORIM, 2004, p.11).

De fato, pesquisar o objeto, que é a obra do próprio autor-pesquisador, só poderá acontecer se entendermos a obra de arte em sua existência autônoma, pois “a obra nos fala como obra e não como transmissor de mensagens.” (GADAMER: 1985, 52). A compreensão deste fenômeno auxilia o artista-pesquisador na construção de sua pesquisa. Na medida em que esclarece que, embora a subjetividade de sua vivência seja o motivador na construção de sua obra artística, feita a obra, sua existência descola-se para o espaço concreto do mundo cultural, separando-se do próprio artista. O exercício do pesquisador-artista, portanto, é perceber-se, também, fruidor. Desta forma, as vozes polifônicas poderão acontecer

a partir destes sujeitos que se relacionam com a obra, ou seja, o artista-propositor de uma obra, o artista que sofre o processo de construção da obra e o fruidor que a vivencia em sua autonomia existencial:

Há um salto entre planejar e fazer de um lado e o ser sucedido do outro. Agora o produto “existe” e com isso está definitivamente “a”, alcançável para aquele que se depara com ele e consultável em sua qualidade. É um salto através do qual a obra de arte distingui-se em sua unicidade e insubstituibilidade. (GADAMER: 1985, 53).

A obra, permanente ou impermanente, é autônoma e está no tempo e espaço disponibilizada para ser vivenciada. É interessante observar, na atualidade, que os cadernos de artista, os textos confessionais ou outros tipos de documentação textual produzida pelo artista, comumente usados para um conhecimento maior do seu trabalho, tornam-se obras. Estes textos concretos são matéria-prima a serem (re)vistas pelo artista-pesquisador, no sentido dado por SALLES (2008, p.84) “[...] sentido bastante comum de substância principal de que se utiliza no fabrico de alguma coisa, ou seja, aquilo de que é feita a obra, aquilo que vai sendo trabalhado ou manipulado durante o processo.” Isto porque, atualmente, tais documentações são, muitas vezes, a própria obra artística e, neste caso,

O texto do artista adquire um estatuto inteiramente diferente ou, mais precisamente, o traço que o unia até pouco tempo, de maneira bastante frouxa, à obra reforça-se, torna-se necessário, passa a fazer parte do dispositivo artístico. Dispositivo que tende cada vez mais a tomar a forma de um texto-objeto. (CAUQUELIN; 2005; p. 157).

Como obra, o texto-objeto será disponibilizado à fruição e participará do texto da pesquisa tanto como voz do artista, quanto propiciará a voz do fruidor. O exercício de afastamento exigido neste deslocamento de ações certamente requer um alto grau de disponibilidade do sujeito criador e de maior sensibilidade e acuidade do sujeito pesquisador.

A voz do fruidor não é o eco rememorado do artista, ou seja, uma projeção imaginada do que a obra deveria ser, sem que ele mesmo veja o que a obra, realmente, é. Também, não é a voz da crítica descolada do sujeito da criação: o artista ainda é artista na pesquisa. Antes, é uma voz que exercita o reconhecimento da autonomia dos seres que existem e convivem no espaço-temporal de um mundo.

Proposta para pesquisa em Artes Visuais

A pesquisa *Reverberações gráficas: reflexões sobre a influência de Evandro Carlos Jardim na gravura paulistana contemporânea (1980-2010)* foi proposta para ser realizada como projeto de Iniciação Científica do curso de Artes Visuais, Bacharelado em Pintura, Gravura e Escultura³, dentro da Linha de Pesquisa Procedimentos da Arte. Constituiu-se pelo estudo acerca das possíveis reverberações da atuação de Evandro Carlos Jardim, como artista e pesquisador, em três professores e artistas do quadro docente do curso e no trabalho autoral das próprias pesquisadoras⁴. Os artistas selecionados para a pesquisa foram Augusto Sampaio, Francisco Maringelli e Paulo Penna⁵, pois todos contaram com a presença de Jardim em algum momento de suas formações. A pesquisa foi realizada por três estudantes sendo que cada uma elencou um dos três artistas para aprofundar o estudo e estabelecer as possíveis relações entre os artistas pesquisados e a produção autoral.

A proposta da pesquisa previu dois tipos de situação. O primeiro respondendo a uma sistematização metodológica usual de coleta de dados por meio de levantamento bibliográfico, visita a ateliês e entrevistas registradas fonograficamente e por meio de imagens. A segunda situação envolveu a atuação artística das pesquisadoras como ponto referencial para a articulação da análise do material coletado.

Tal proposta visou à construção de uma pesquisa que abarcasse o artista como voz, como existência revelada que partilha das outras vozes que compõem a pesquisa. Assim, o trabalho plástico das pesquisadoras foi inserido, na pesquisa, como matéria-prima.

No decorrer do desenvolvimento da pesquisa evidenciou-se uma estrutura especular, de rebatimento de vozes: os entrevistados reconheciam prontamente a absorção da postura do professor Jardim, mas não de sua obra artística e, ao falar da obra gráfica de Jardim, procurava-se evidenciar as diferenças formais ou

³ Pesquisa realizada no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo de setembro de 2010 a setembro de 2011.

⁴ Participaram da pesquisa Heloíza Sensuline Soler Olivares, Flávia Elisa Marciliano Roma e Larissa Buran.

⁵ Todos, os três artistas, atuaram como professores das pesquisadoras no decorrer do curso de graduação.

escolhas temáticas distintas e assinalar que se houve algum tipo de aproximação poética, ela se deu no início da convivência entre mestre e aprendiz.⁶

De maneira semelhante, as pesquisadoras não percebiam a obra poética dos artistas-professores entrevistados como participantes de suas poéticas, mas a figura dos seus professores, sim. Certamente, a procura de uma clara evidência desta reverberação não corresponde ao próprio fenômeno artístico no qual a singularidade da construção artística está vinculada a subjetividade do artista. As reverberações poderiam estar dentro do campo de uma assimilação subjetiva, na qual as identidades e diferenças são as eventualidades de um processo. Em outras palavras, são tangências observáveis diante de uma provocação teórica, localizáveis temporariamente. Daí a importância da voz do artista-pesquisador: ela precisa o tempo e o lugar disponibilizando-os para o outro.

Como resultado a pesquisa evidenciou a dificuldade enfrentada pelas pesquisadoras na construção do próprio trabalho artístico e, por meio desta, possibilitou uma aproximação mais cautelosa da obra dos artistas. Este cuidado revela-se na economia de apresentação de identidades e diferenças entre as poéticas. Neste não dizer, a alteridade – do sujeito artista e do objeto arte – pode ser acolhida e auscultada.

Conclusão

O trabalho de iniciação científica proposto trouxe às jovens pesquisadoras o paradoxo da realização artística como investigação, que dentro da pesquisa científica, consolida-se como desvio. Embora a questão de adequação a um método teoricamente legítimo permeasse todo o trajeto da realização da pesquisa, a permanência do trabalho autoral das pesquisadoras trouxe o elemento instaurador das inquietações naturais a um trabalho artístico. Nenhuma construção artística é pacífica, da mesma maneira que nenhuma construção de conhecimento.

A transformação do próprio discurso em objeto não se produz por esforços auto-analisantes que buscariam, em última instância, prestar contas sobre a sua própria enunciação. Do mesmo modo,

⁶ As entrevistas estão disponibilizadas no apêndice dos seguintes artigos: Reverberações Gráficas: Reflexões sobre a influência de Evandro Carlos Jardim na gravura de Paulo Penna, Reverberações Gráficas: Reflexões sobre a influência de Evandro Carlos Jardim na gravura de Francisco Maringelli e Reverberações Gráficas: Reflexões sobre a influência de Evandro Carlos Jardim na gravura de Augusto Sampaio, todos pertencentes aos arquivos da Central de Iniciação Científica do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

revelar a construção do objeto não se faz por um relatório exaustivo da história de sua criação. A tarefa do autor pesquisador não é nem a de confessar nem a de historiar. A instabilidade do objeto polifônico é função do sistema de alteridades que se instaura no texto. (AMORIM, 2004, p.128).

Portanto, a estrutura da pesquisa, sua formalização metodológica e textual, deverá abarcar a diversidade e não filtrá-la. Nisto reside o grande desafio para o artista pesquisador: ser tanto artista quanto pesquisador. A pesquisa acadêmica em artes feita por artistas poderá valer-se da presença da voz de outros sujeitos não apenas para refletir a sua própria voz, mas antes para recriar a polifonia cultural da existência humana.

THE POETIC AND THE SEARCHER: Reflections about the subjective reverberations in the academic search in arts.

Abstract: The art in the contemporaneity, many times, presupposes that the artists be theoretical at his poetic production. The academic search in arts and about arts brings the subjectivity paradox as the conducting wire of the structured thought by the objectivity, so that asks the elaboration of methodological procedures, that comprises the subjectivity as the objectivity of the artistic searcher. This fact evidences the need for an approach to the artistic object that exceed complexity of its existence with theorist instruments and procedures, that its clarifications will be in agreement with done and analyzed artistic production.

Key words: Art – poetic – methodology – subjectivity – objectivity.

Referências

AMORIM, Marilena. **O Pesquisador e seu Outro**. São Paulo: Musa, 2004. ISBN 85-85653-59-0.

BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs). **O meio como ponto zero: metodologia em artes plásticas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. Coleção Visibilidade; 4.

BUTI, Marco; LETYCIA, Anna. (Orgs.) **Gravura em Metal**. São Paulo: EDUSP, 2002. ISBN 85-314-0586-6.

CAUQUELIN, Anne. **Teorias da Arte**. São Paulo: Martins, 2005.

FERVENZA, Hélio. **Olho mágico**. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs). **O meio como ponto zero: metodologia em artes plásticas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. Coleção Visibilidade; 4.

FREDDI, Helena E. da S. **Natureza Gráfica Poética da Gravura em Metal Contemporânea Brasileira (1980-1994)**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em

Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, 1996. II.

GADAMER, Hans-george. **A Atualidade do Belo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. 75p.

GADAMER, Hans-george. La ontologia de la obra de arte y su significado hermenêutico”. In: -----, **Verdade e Metodo**. Madrid: sn. sd. p. 143 – 148.

MOLINA, Juan José Gómez. **Las Lecciones del Dibujo**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

ORTHOFF, Geraldo. **O chamariz do devir: pontos de fuga/ pontos de partida** (Projeto: Espaço na supermodernidade/Paisagens encapsuladas). In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs). **O meio como ponto zero: metodologia em artes plásticas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. Coleção Visualidade; 4.

REY, Sandra. **Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais**. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs). **O meio como ponto zero: metodologia em artes plásticas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. Coleção Visualidade; 4.

SALLES, Cecilia A. **Redes da Criação: construção da obra de arte**. São Paulo: Horizonte, 2008.